

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GISELE FLÁVIA ALVES OLIVEIRA

**O potencial do aluno monitor de tecnologias e mídias:
possibilidades de interação pais e escola**

**CAMPINAS
2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GISELE FLÁVIA ALVES OLIVEIRA

**O potencial do aluno monitor de tecnologias e mídias:
possibilidades de interação pais e escola**

Monografia apresentada a Faculdade
de Educação da UNICAMP,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Pós Graduação em
A Pesquisa e a Tecnologia na formação docente,
sob orientação da Prof^a DRA. Maria de Fátima Garcia

**CAMPINAS
2009**

ii

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Gisele Flávia Alves Oliveira, 2009.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	Tec
	OLUP
V:	EX:
Tombo:	4799
PROC.:	134120
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477142

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

OL4p

Oliveira, Gisele Flávia Alves

O potencial do aluno monitor de tecnologias e mídias> possibilidades de interação pais e escola / Gisele Flávia Alves Oliveira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria de Fátima Garcia.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Alunos. 2. Estudante monitor. 3. Tecnologia educacional. 4. Mídia. I. Garcia, Maria de Fátima II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-353-BFE

Dedico este trabalho aos meus queridos pais: Maria das Graças e José Flávio, pelo
exemplo de vida, força e dedicação à família;
minha eterna fonte de inspiração.
Aos meus irmãos: Fernanda e João Henrique, com os quais mesmo distantes posso
compartilhar do verdadeiro sentido de fraternidade.
À minha sobrinha Camille que mesmo tão pequena
já me ensina muito sobre a vida.
Ao meu amor Renato Giachetto, que está sempre ao meu lado me apoiando
e acreditando nos meus sonhos.

Agradecimentos

A Deus, que compreende os meus anseios e me ilumina me dando intuição e forças para realizar os meus projetos.

Aos meus pais, por serem o alicerce da minha formação pessoal, consequentemente profissional, pelo apoio e incentivo aos meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, sobrinha, tios e amigos que estiveram sempre dispostos a me ouvir.

A Renato Giachetto, meu amor, companheiro; obrigada pela compreensão, respeito, carinho e diálogos pedagógicos que estiveram presentes em nossos finais de semanas.

À minha tia Edith que esteve ao meu lado em todos os momentos de escrita deste trabalho, obrigada por compreender a minha ausência neste ano, pois mesmo morando juntas muitas vezes eu me fechava para concentrar neste trabalho.

À minha orientadora, Maria de Fátima, que me acolheu de forma amigável e acompanhou este trabalho me incentivando e orientando. Agradeço por ter mostrado o caminho e me fazer acreditar na possibilidade de refletir sobre a minha prática.

A todas minhas colegas desse curso de pós-graduação e em especial às "NECESSÁRIAS" (Andreia, Tie e Simone) ,que estiveram ao meu lado desde o primeiro dia de aula lutando com muita garra. Sempre nos apoiando e tornando os nossos fardos mais leves.

Às professoras e equipe gestora da EMEF Elza Maria P. de Aguiar, principalmente a Sônia Pedrassolli que desde 2004 me apoiou na implantação do Projeto Alunos Monitores de Mídias.

A todas as professoras e professores deste curso em especial a professora Tereza, pelo aprofundamento teórico que me proporcionou através de suas aulas.

Aos alunos monitores de Mídias da EMEF Elza Maria P. De Aguiar que desde 2004 vem desenvolvendo um lindo trabalho na escola que, com seus singelos gestos me incentivaram a continuar acreditando na importância do apoio destes alunos no trabalho dos professores e também em prol da comunidade escolar.

A todas as mães que fizeram parte do Curso Ciranda da Inclusão Digital, que me impulsionam a busca constante por inovações na minha prática pedagógica.

A toda equipe do NTE: Ângela, Carla, Márcia, Ivonete, Edith e principalmente a Hermínia que acreditou no meu potencial e sempre me apoiou, esclarecendo minhas dúvidas relativas a novas tecnologias na educação.

À Heloisa Matos, pela amizade, paciência de me ouvir contar sobre o Projeto Alunos Monitores de Mídias, pela sinceridade nas palavras e orientações mesmo que informalmente, mas que foram muito úteis.

À minha parceira e amiga, Valéria Salgado que esteve sempre ao meu lado me ouvindo, apoiando e colaborando para que o projeto se expandisse. Obrigado por ter colocado tanta sabedoria, cuidado e imaginação na nossa amizade, por compartilhar tantas coisas boas e por marcar tantas lembranças sobre nós. Obrigado por ser honesta comigo, ser gentil e sempre presente quando necessito.

Sumário

NARRATIVA PEDAGÓGICA 1

 QUEBRANDO PARADIGMAS6

 FELICIDADE E PRAZER PROFISSIONAL7

RESUMO 12

INTRODUÇÃO..... 13

 METODOLOGIA.....15

1. - HISTÓRICO DO PROJETO ALUNOS MONITORES DE MÍDIAS.. 17

 1.1 - NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA, NOVOS DESAFIOS.19

2. – ALUNOS MONITORES DE MÍDIAS 21

 2.1 – IDENTIFICANDO AS APTIDÕES DOS ALUNOS CANDIDATOS A MONITOR DE MÍDIAS25

 2.2 – FORMAÇÃO DOS ALUNOS MONITORES DE MÍDIAS.....26

 2.3 – MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS MONITORES FRENTE AO PROJETO ALUNOS
 MONITORES DE MÍDIAS NA ESCOLA28

3.0 - LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA – UM NOVO CENÁRIO 30

 3.1- MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO DOS PROFESSORES FRENTE AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA.31

**4.0 – EXPERIÊNCIA NA APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DOS
ALUNOS MONITORES A SUA COMUNIDADE 33**

 4.1 - DINÂMICA E OBJETIVOS DO CURSO37

 4.2 - EVOLUÇÃO E O RETORNO COM CONHECIMENTOS EM PROL DA COMUNIDADE38

**5.0- DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROJETO ALUNO
MONITOR DE MÍDIAS E NO CURSO DE INCLUSÃO DIGITAL..... 41**

6.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 42

7.0 -REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 45

ANEXOS 47

NARRATIVA PEDAGÓGICA

"Escrever sobre si é auto-revelar, é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo" (Albert, 1993:46-7). Quando terminei de ler essa frase fiquei empolgada a relatar um pouco da minha caminhada escolar. Tenho a consciência de que tem muita coisa a ser revelada ainda. Deixo aqui as primeiras palavras do meu caminhar na escola:

"Vivendo, se aprende, mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas".

Guimarães Rosa

Essas palavras de João Guimarães Rosa, Em Grandes Sertões: Veredas resumem minha experiência de aluna, inicialmente, e de educadora-professora, no seguimento da vida.

Minha trajetória escolar começa na zona rural, no interior do Estado de Minas Gerais, onde meus pais nasceram e viveram até 1983, na qualidade de camponeses e pequenos proprietários, cultivando como unidade familiar uma agricultura de subsistência onde o excedente era vendido no mercado.

Quando retomo a minha infância vem-me as lembranças das brincadeiras de escorregar com minha irmã em frente à minha casa, na graminha verde no final da tarde e logo que anoitecia sentávamos no banquinho em frente de casa para vermos as estrelas e ouvirmos histórias, afinal, naquele lugar, nem havia chegado a energia elétrica. No entanto, a televisão não fazia parte da minha vida, ou seja, a tecnologia passava longe daquele lugar. E assim vivi até meus 10 anos de idade. Só que não eram brincadeiras o dia todo porque depois da escola sempre meu pai arrumava uma atividade para que eu realizasse; algumas vezes eu tinha que buscar as vacas no pasto e outras vezes eu ia às plantações de milho levar o jantar e acabava colaborando nos serviços mais leves. Mas, após ajudá-lo eu podia ver o pôr do sol, contar estrelas e ouvir histórias... Como diz Benjamin (1994, p. 213), quem escuta

uma história está em companhia do narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia. E olha que tinham muitas, sendo que algumas delas causavam arrepios.

Ao refletir sobre o meu primeiro contato com a leitura e escrita, logo aparece minha mãe que me ensinou a ler e a escrever, porque lá na zona rural não havia escola de educação infantil e quando eu completei 6 anos surgiu um grande problema para os meus pais, pois eu deveria começar a freqüentar uma escola e os meus pais sempre colocaram a educação em primeiro lugar. Depois de muito conversar sobre o meu futuro, a minha mãe resolveu me alfabetizar para que quando eu chegasse na 1ª série já soubesse ler. Apesar da precariedade de livros foi através de um caderno e um lápis que a minha mãe me alfabetizou. Primeiro ela me ensinou a escrever o meu nome, quando eu não conseguia traçar as letras ela pegava na minha mão e me ajudava.

Quando completei 7 anos chegou o momento de ir para a 1ª série, só que como morávamos na zona rural a escola ficava muito longe e eu teria que andar 45 minutos para ter acesso. Foi aí que meu pai resolveu procurar uma escola na cidade para eu estudar, então fui morar com uma tia, a tia Margarida, que fazia um lanche delicioso para eu levar à escola. Ela sempre carinhosa e acolhedora tanto que, trago boas lembranças daquela época até hoje. A minha tia me levava à escola e eu voltava sozinha. Adaptei-me rapidamente e gostava muito daquela escola da cidade. Ficava na cidade estudando durante a semana, aos finais de semana voltava sozinha de ônibus para casa dos meus pais. Minha tia me colocava no ônibus e meus pais me buscavam a cavalo na beira da estrada porque o ônibus passava muito longe de casa.

Fiz a 1ª série e não encontrei nenhuma dificuldade, apesar de todos os meus colegas terem frequentado a escola anteriormente eu consegui bons resultados. Agradeço ao esforço da minha mãe que mesmo sem ter nenhuma formação acadêmica como educadora, afinal estudou somente até a 4ª série do ensino fundamental, conseguiu fazer com que eu aprendesse a ler e a escrever.

Essa escola era tradicional e a forma de avaliação era muito rigorosa, tendo um pré-requisito para que os alunos passassem para a 2ª série que era uma prova de leitura que era feita no final do ano. Sabendo disso a minha tia pegava os livros de Biologia da minha prima e ficava “tomando leitura”. No final, fui bem no tal “teste”.

Ao início da 2ª série meus pais resolveram transferir-me para a escola da zona rural, porque, para uma criança não é nada fácil ficar a semana toda longe de casa. Nos primeiros dias de aula foi muito difícil porque já chegava cansada na escola, pois, além de andar 45 minutos, tinha também o orvalho gelado da manhã. Mas além das dificuldades relativas à distância e ao clima, pior era o autoritarismo da professora, que me fazia sentir muito medo: tudo tinha que ser do jeito dela, gritava muito e tinha uma unha enorme pintada de vermelho que apontava os meus erros no caderno ficando as marcas do seu esmalte estampado ali. Ainda bem que um ano passa rápido e a esperança era que na 3ª série viesse uma professora mais tranquila. E foi o que aconteceu, no ano seguinte veio uma professora que era muito calma e carinhosa.

Resolveu-se um problema, mas outras dificuldades surgiram. A escola só tinha uma sala de aula aonde estudavam os alunos de 1ª a 4ª série, era uma escola multisseriada. A professora dividia o quadro negro em quatro partes iguais e escrevia na parte superior do mesmo a série que deveria copiar aquela lição. Permaneceu assim até o dia em que não tinha nem sala, porque a prefeitura não tinha mais prédio para continuar as aulas. “E agora, o que fazer para que essas crianças estudem?” Foi o primeiro questionamento feito pelo meu pai. Meu pai passou então a lutar para que a escola não fosse fechada, porque além de não ter local para as crianças estudarem, essa escola foi fundada pelo meu avô para que seus filhos estudassem, portanto o meu genitor não admitia que fosse fechada.

Para que isso não acontecesse meu pai ofereceu uma casinha que tinha ao lado do paiol. Até a 4ª série eu estudei neste local no fundo da minha casa, onde a minha mãe fazia a merenda e eu ficava a tarde brincando de escolinha usando o quadro negro. Isso quando eu não tinha que trabalhar à tarde. Na época da colheita eu saía da escola e ia ajudar meu pai na roça. Foi aí que comecei a valorizar os

estudos e sentia mais vontade de estudar, afinal meu pai tinha razão em me incentivar porque ele não queria aquela vida dura para mim. Ter a escola na minha casa foi uma fase muito prazerosa, apesar de continuar sem nenhum recurso pedagógico, apenas lousa e giz. Eu acordava e já estava na sala de aula, enquanto os meus colegas andavam quilômetros para chegar até minha casa. As lições eram copiadas da lousa.

Eu passei para a 5ª série e mais uma vez surge um problema para os meus pais que sempre valorizaram o estudo, sempre diziam “Para ser alguém na vida tem de estudar, ou você vai querer ser igual ao seu pai e sua mãe que não tiveram estudos”? Em consequência de toda essa situação os meus pais se mudaram para cidade para que eu continuasse a estudar e meus irmãos também. Eu, sempre concentrada nas aulas, tentando fazer o melhor. As aulas tornaram-se mais interessantes porque agora tinha biblioteca, energia elétrica e até cantina. Agora eu tinha um professor para cada matéria, me lembro que fiquei muito confusa, mas estudei muito e superei essa fase.

Ao final da 8ª série surgiu a dúvida: devo me matricular no colegial ou magistério? Considero que tive uma crise de identidade, portanto concordo com Nóvoa quando este afirma que:

... A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. (NÓVOA, 1992, p.16)

Depois de muito refletir conclui que o magistério seria melhor para minha vida. Logo que entrei no colégio fiquei muito entusiasmada ao ver a biblioteca que era enorme, ficava horas lendo e pesquisando, pois sempre fui muito curiosa; os livros respondiam aos meus questionamentos e esse foi o meu primeiro contato com uma biblioteca onde o aluno podia escolher seus próprios livros. Nasce aqui “a pesquisadora”. Além desse progresso, assisti ao primeiro vídeo na escola e sempre me percebia encantada com as novidades trazidas pelas professoras.

Sempre fui uma pessoa tímida que gostava mais de ouvir a falar, até o dia em que a professora de Literatura pediu que escrevêssemos uma peça de teatro

baseada no livro “A Moreninha” e depois a apresentássemos para os colegas. Foi um momento marcante e prazeroso para mim. A professora ficou muito surpresa com a minha apresentação. Eu deixei de lado minha timidez e entrei de corpo e alma na personagem que foi um sucesso, e a partir daí, me fortaleci e não via a hora em que poderia apresentar uma outra peça. Analisando a minha atuação em sala de aula percebo que essa experiência influencia até hoje na minha prática de professora porque sempre me preocupo em trabalhar a oralidade dos alunos através de dramatizações, busco a possibilidade de realização de teatros e apresentação de seminários, o que muito enriquece o trabalho no dia-a-dia.

Cada dia que passava ficava ainda mais preocupada com minha situação financeira, pois, precisava trabalhar, mas o meu curso não me oferecia condições para tal, além de que era um curso que demandava 4 anos de formação, retardando ainda mais a minha inserção no mundo do trabalho. Até que surgiu uma oportunidade de fazer o magistério em Goiânia, pois lá o curso era de 3 anos. Fui para lá quando estava no início do 3º ano com o objetivo de terminar o curso o mais rápido possível, afinal até então eu não queria ser professora, escolhi o magistério por falta de opção. Eu só queria terminar o curso rapidamente para trabalhar.

Ao concluí-lo, fui para Campinas à procura de trabalho. Logo que cheguei a essa cidade, que é considerada um pólo tecnológico, fiquei deslumbrada com tanta novidade. Mas, eu vim morar nessa cidade com o propósito de trabalhar para resolver a minha vida financeira e foi com o apoio de uma tia, Edith, que a minha vida começou a mudar. Ela foi a minha “orientadora”. Primeiro, me perguntou se eu gostaria de trabalhar em escola e fazer pedagogia. A minha resposta foi negativa, pois trazia comigo uma visão estigmatizada, uma concepção de que professor é uma profissão desvalorizada, acho que essa visão vinha lá da minha infância. Prestei vestibular para ciência da computação, mas não fui aprovada.

Meu grande objetivo naquela época era ser bancária, porque lá naquela cidade de interior onde eu vivi o bancário era visto como uma profissão valorizada. Corri atrás dos meus sonhos e consegui um emprego no banco Itaú, mas não demorou muito, logo eu notei que tudo isso era uma grande ilusão e que eu tinha

feito uma péssima escolha, porque estava sempre insatisfeita. Foi aí que percebi que deveria voltar para a área de humanas. Mesmo com as insatisfações permaneci no banco por 8 anos.

Quebrando paradigmas

Foi devido a essas insatisfações em relação à atividade como bancária depois, ao ver o exemplo de realização profissional da minha tia que era professora aqui em Campinas, que comecei a batalhar para retomar a carreira de magistério. Prestei vários concursos que foram anulados, até que fui aprovada no concurso da Prefeitura Municipal de Campinas no ano de 2000 e fui chamada para efetivar como professora de 1ª a 4ª série. A escola na qual me foram atribuídas aulas foi a EMEF Elza Maria Pellegrini de Aguiar. Quando cheguei à escola “percebi como era de fato a realidade! E fiquei muito preocupada porque na verdade a minha experiência em sala de aula havia sido apenas no estágio do magistério. Mas, eu não tinha volta. A hora agora era de me dedicar a essa nova profissão e começar a participar dos grupos de formação que a prefeitura oferecia. Fiz muitos cursos e ainda faço, mas hoje tenho o meu foco que é o uso de tecnologia como ferramenta pedagógica.

Quando cheguei na escola além das minhas inseguranças a orientadora pedagógica disse: *“Como você não tem experiência vê se não pega uma 1ª série”*. Fiquei indignada com essa fala porque apesar de não ter experiência prática estava disposta a estudar e aprender a alfabetizar. Como nos afirma Jorge Larrosa em uma palestra no Cole¹

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... Por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (LARROSA, 2001)

¹ Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001.

Mas, ainda bem que já era o final do ano 2.000. Para o próximo ano 2.001 eu assumi uma 1ª série e foi aí que me surpreendi porque encontrei uma colega e parceira que já tinha experiência na docência, então ela me orientava e eu estava sempre atenta, desejosa de aprender. Assim, as transformações foram ocorrendo. Acredito muito no trabalho em grupo entre os professores, pois o mesmo se reflete nas aulas ministradas, tornando a aula mais rica, dinâmica e leve. Cada ano que passa sinto que minha prática se renova. Continuo trabalhando com essa minha amiga e parceira, assim constituímos nossa forma de trabalhar e resolver questões que colocam no dia-a-dia.

Foi nesta escola que se iniciaram em mim as mudanças de concepção, quebrei paradigmas e passei a ver a escola com um novo olhar, com entusiasmo e muita vontade de desenvolver projetos em prol da comunidade.

Felicidade e Prazer Profissional

Logo que comecei a trabalhar na escola percebi que agora eu tinha tempo para me dedicar aos estudos e também senti necessidade de fazer Pedagogia. Só que agora totalmente consciente do que queria para o meu futuro profissional. Cada dia que passa ficava ainda mais encantada com a arte de ensinar. E pensei: “não vou parar por aqui, quero investir muito nesta área, principalmente no uso das tecnologias na escola que é uma área que me encanta e precisa ser valorizada”.

Arrisquei minhas fichas todas nesse caminho e digo com total certeza que não me arrependo das opções que fiz. Pelo contrário, afirmo categoricamente que tenho o maior orgulho de ser professora, de atuar na educação. Procuro sempre não repetir os modelos de professor que trago comigo dos meus anos iniciais. Sou uma grande parceira dos meus alunos, sempre disposta a ouvi-los e fazer a diferença na vida deles.

Em 2002 iniciei meu curso de pedagogia na UNIP e terminei em 2005. Estudei muito e fiz muitas reflexões sobre a minha prática. Nessa época a tecnologia ficou mais presente na preparação das minhas aulas, e fiz muitas descobertas em minhas pesquisas. As mudanças começam aqui porque além da faculdade nesta

época eu tinha uma nova orientadora pedagógica que iniciou com os professores o trabalho com projetos de pesquisa. Cada sala tinha um tema de pesquisa e no final do ano todos os trabalhos realizados foram apresentados pelos alunos em uma Amostra de Trabalhos no SESI. Foi uma ótima experiência! Foi aí que iniciei o exercício de trabalho de pesquisa com os alunos.

Em meados de 2004 foi instalado na escola EMEF Elza Maria P. De Aguiar um laboratório de informática educativa muito bem equipado com 20 computadores e impressora em rede, sendo que o sistema operacional era o *Linux*. O que fazer com essa tecnologia recém chegada? Foi o primeiro questionamento e a minha experiência com tecnologia na educação começa aqui. Comecei a participar de um grupo de formação no NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional), o que enriqueceu a minha prática e a partir daí não mais parei. Sinto que através dessa formação eu encontrei a felicidade profissional.

As pessoas da escola não usavam a tecnologia por desconhecerem o sistema operacional implantado - *Linux* - e isso me incomodava muito, então resolvi ficar no laboratório de informática após o expediente para preparar a primeira aula usando essa nova tecnologia como recurso pedagógico. Em seguida levei meus 30 alunos para usufruir da tecnologia, só que essa primeira experiência foi inviável porque eram muitos alunos, muitas dúvidas e eu não conseguia atender a todos. Fiquei insatisfeita e comecei a pesquisar estratégias para usar os computadores de maneira mais prazerosa e eficiente.

"Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas!"

(Mário Quintana)

A partir destas dificuldades enfrentadas elaborei o PROJETO ALUNOS MONITORES DE MÍDIAS: viabilizando o uso do Laboratório de Informática e contribuindo no processo de ensino-aprendizagem. Desenvolvi esse projeto por cinco anos e hoje, em 2009 em meu curso de pós-graduação analiso a minha prática durante esses anos.

O tempo passou e eu sentia a necessidade de me aprofundar na teoria, de estudar mais. Foi aí que surgiu na Unicamp a oportunidade de fazer o curso “*A pesquisa e a tecnologia na formação docente*”, o que me fez ficar muito interessada por se tratar de pesquisa e tecnologia. Os autores que li até aqui me trouxeram muitas reflexões e mudanças na minha prática. Eu juntamente com uma colega professora, Valéria, trabalhamos com um projeto de pesquisa de reciclagem na escola, o que enriqueceu muito a nossa prática.

Estou muito satisfeita em fazer o curso porque sinto que estou começando a registrar minhas experiências por meio da escrita, percebo-me cada dia mais solta, mais à vontade para expressar meus sentimentos e experiências em relação à docência. Esta pesquisa que aqui apresento é um dos resultados visíveis desse caminhar.

Fui e sou feliz porque sei que de alguma forma contribuo para a formação presente e futura dessas crianças e pais. Não me considero melhor do que ninguém e nem ao menos me percebo como exemplo a ser seguido. Apenas acredito que tenho que fazer na minha profissão a diferença a favor de um mundo melhor e que, por isso, tenho que dedicar-me a dar o máximo de mim enquanto estiver numa sala de aula. “*O que eu sou é o que me faz viver*” (Shakespeare, Henrique VIII)

Minha vida

Foi a primeira fruta que nasceu do amor de José e Maria,
Do luar do Morro do Cajuru, aquela linda menina sorria.
Pele clara, olhar esperto, naquele local brincava a loirinha.

Predestinada a fazer a diferença;
Acreditou na sua crença,
Ao passar dos anos, viu que tinha que estudar.
Não tendo outra saída na cidade foi morar.

Foi acolhida por Margarida,
Tia querida que com muito amor lhe deu guarida
Nos fins de semana, voltava pra sua casa querida.

Seus pais com olhos no futuro,
Resolveram abandonar aquele mundo
E para a felicidade da loirinha na cidade tiveram outro rumo.

O cabelo escureceu, o corpo pegou forma,
Sabia, portanto, que tinha que procurar outras escolas.
Além da escola da vida,
Resolveu em sua partida,
Morar com outra tia nunca esquecida.

Foi pra Goiânia, deu norte a sua vida,
Ao lado das primas queridas,
Concluiu mais uma etapa de vida.

De lá veio pra Campinas,
Mais uma tia lhe acolheu.
Nos percalços da vida outro caminho escolheu,
Tentou ser feliz, mas no casamento o seu mundo quase se rompeu.

Ergueu a cabeça, respirou fundo e um novo rumo deu.
Separou-se daquele mundo que não era só seu.
Quis ficar sozinha, pois no rumo da vida, a felicidade escolheu.

A casa da tia novamente a acolheu,
Abriu-se o baú dos sonhos guardados,
Olhou para o passado e retomou o sonho deixado que nunca esqueceu.

Com o fruto dos seus estudos,
Mudou a vida de seus alunos.
Aquele que era apartado,
Virou nas mãos da professora um aluno prestigiado.
Apostou que na frente do monitor,
Um aluno poderia virar professor.
Viu ali que com a união dos alunos e pais,
As coisas melhorariam e o menos passaria a ser mais.

Levou isso para a Unicamp,
Que um dia achou ser um mundo distante,
Mas em poucos instantes,
Os seus alunos pequeninos tornaram-se gigantes.

Alegria nos seus olhos, orgulho dos pais,

Sorrisos dos alunos, os quais não serão esquecidos jamais.
Pois quem um dia resolveu ser feliz,
Fez a sua parte e demonstrou pra todos,
Que as lições da vida não são para medrosos

Essa mulher tem nome,
E com um nó na garganta,
Posso falar que ela se tornou a mulher da minha vida
Essa é a Flavia, mulher, filha, que ama a sua família,
Que sabe do seu passado e tem fé na vida escolhida!

Autor: Renato Pinto Giachetto

Resumo

Este trabalho advém da inquietação de uma professora, autora deste estudo atuante no Ensino Fundamental I de 1ª a 4ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elza Maria Pellegrini de Aguiar, localizada no município de Campinas, SP. A pesquisa registra o processo de incentivo ao trabalho com novas tecnologias nessa escola, bem como o enfrentamento a várias questões, como insegurança no uso das mídias, devido ao novo parque computacional instalado na Unidade Escolar que passou a usar o sistema operacional *Linux*. Surge, assim, a necessidade da formação, tanto de grupos de alunos monitores de mídias, quanto de um grupo de professores e um novo projeto para os pais desses alunos. Esse projeto para os pais, denominado Ciranda da Inclusão Digital, acabou trazendo a comunidade para explorar a tecnologia no espaço escolar, criando novas expectativas e colaborando com o seu desenvolvimento profissional numa perspectiva rizomática (DELLEUZE E GUATARRI, 1995).

Palavras-chave: tecnologia, aluno-monitor, pais, aprendizagem, inclusão.

Introdução

O presente trabalho traz reflexões da minha² prática, partindo de uma pesquisa-ação utilizada como instrumento pedagógico e científico, buscando conhecimento para que ocorram transformações na minha atuação como e também, para aprimorar o uso de mídias na escola, também socializar essa experiência para além da minha escola e da minha sala de aula.

Este trabalho faz articulação com o curso de especialização “A Pesquisa e a Tecnologia na formação docente” que iniciou em 2008 na Unicamp, no qual percebi o verdadeiro papel da universidade e concordo com Garcia que a

...função social da Universidade que consiste em buscar o diálogo permanente e o fortalecimento das comunidades em seu entorno propondo parcerias que levem ao desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão gerando saberes que subsidiem tanto o ensino e a produção de pesquisas da universidade quanto das escolas que gravitam em torno desses grandes centros de produção de conhecimento.(GARCIA E D'ABREU, 2009)

Através da aproximação da universidade além de melhorar a minha prática e me formar pesquisadora pude incentivar o trabalho com pesquisa científica na escola. Isso repercutiu positivamente na aprendizagem dos alunos que pesquisaram e tiveram a oportunidade de participar da Feira Científica que é promovida, anualmente, desde o ano de 1998 até o presente momento, ano de 2009, pelo Projeto Ciência na Escola da Unicamp. GARCIA (2002) nos fala que a pesquisa enquanto metodologia faz-se relevante para que esse conhecimento produzido tenha como característica a capilaridade, isto é, possa circular entre os membros de uma comunidade educacional.

O principal objetivo do estudo é registrar e refletir sobre uma prática que cria expectativas nos professores, alunos e pais da escola e contribui no processo de ensino aprendizagem, provocando mudanças na aplicabilidade do uso da tecnologia e no comportamento dos usuários dos recursos midiáticos do Laboratório de Informática Educativa. No decorrer do trabalho mostro as mudanças positivas que as

² Este texto encontra-se redigido em primeira pessoa porque se trata de uma pesquisa-ação, então faço uma reflexão do Projeto Alunos Monitores de Mídias que desenvolvo na escola desde o ano de 2004.

novas tecnologias trouxeram para a escola, socializando a experiência de formação de alunos monitores no que se refere ao uso das tecnologias na escola.

Vivemos em um mundo digitalizado, como diz Manuel Castell, (2001), onde a sociedade vive conectada em rede, passando de localidades para outras, nos leva a um intervalo cuja característica principal é a transformação de nossa cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno dessa nova tecnologia da informação. Castell acrescenta ainda que o centro dessa mudança está relacionado com novos processos de informação, processamento e comunicação, então a escola é o lugar para a vivência de novas experiências usando novas tecnologias. Esta pesquisa retrata a inserção de novas tecnologias na escola como ferramenta pedagógica

O Problema de pesquisa foi considerado basicamente como a primeira etapa desta pesquisa. A solução ou resposta ao problema emerge com a realização da investigação científica. Para isso fiz-me alguns questionamentos que se tornaram direcionadores do estudo: *"Como se constitui uma escola na qual alunos monitores de tecnologia promovem a viabilização do uso do laboratório de Informática a partir da formação de professores e pais?"* Outra questão investigada: *"No processo, durante o estudo, quais mudanças foram provocadas nas atitudes dos alunos, professores e pais com a implantação do Projeto Alunos Monitores Mídias na Escola?"*

Este trabalho não está dividido em capítulos, pois se desenvolve sob uma abordagem rizomática (DELEUZE e GUATTARI 1995), de forma que as multiplicidades se ramificam e se articulam. Então, começo relatando como iniciou o projeto **Alunos Monitores de Mídias** na escola desde a chegada das novas tecnologias e as mudanças ocorridas durante a realização do projeto. Posteriormente relato um pouco sobre as atribuições dos alunos monitores a medida em que trago depoimentos para legitimar as contribuições no processo de ensino-aprendizagem. Analiso desde a identificação das aptidões até as mudanças no comportamento dos alunos frente às novas tecnologias na escola.

Todo o trabalho com os alunos monitores, e, por conseguinte esta investigação refletiu-se no cotidiano dos professores, mudando então o cenário do

laboratório da escola que passou a ser usado para formação dos professores de 1º a 5º ano, através de um curso de informática educativa.

Com o passar do tempo os conhecimentos adquiridos pelos alunos monitores de mídias foram aplicados para a comunidade que passou a frequentar o curso *Ciranda da Inclusão Digital* no qual utilizamos como metodologia-acao o aluno monitor ensinar aos pais. Torno legítimas as contribuições deste projeto para toda a comunidade escolar através de depoimentos após avaliação das conexões que se constituíram no processo.

Metodologia

A modalidade de pesquisa utilizada durante o estudo foi pesquisa qualitativa, especificamente a pesquisa-ação. Esta opção está de acordo com a visão de Zeichner (1993) de que “*A pesquisa-ação é um instrumento fundamental para a implantação de reformas educacionais ou de transformações da escola*”. Durante o desenvolvimento da investigação atuei como professora regente da classe ao mesmo tempo em que registrava, interpretava e realizava as intervenções decorrentes das reflexões em curso.

O estudo envolveu pesquisa de campo, e instrumentos tais como fotografias, vídeos com depoimentos de pais, professores e alunos; análise documental da escola e dados quantitativos foram levantados para se objetivar aspectos importantes do estudo registrados no decorrer da pesquisa sob a forma de Diário de Campo da pesquisadora. Foram utilizadas entrevistas e questionários, aplicados junto aos alunos, aos professores e pais com vistas à avaliação do projeto.

É importante esclarecer que os pais dos alunos foram informados de todo o processo de pesquisa e, conforme o código de ética de pesquisa assinaram uma autorização para o uso de imagens dos seus filhos, conforme pode ser visto no anexo V deste documento.

Ao optar pela Pesquisa-Ação como metodologia de pesquisa, entendo que esta,

Reivindica a formação do professor – pesquisador como aquele que opta pela luta coletiva por alternativas viáveis e comprometidas com a especificidade e o valor do trabalho docente e com uma educação que fomenta nas crianças a potencialidade de inventar (DICKEL apud GERALDI, 1998, p. 42).

Defendo a pesquisa-ação como um procedimento que encontra justificativa “em um campo substantivo da ação”, (1998, pg. 90) em nosso caso: a educação.

O ato de pesquisa implica uma ação tendo em vista impulsionar uma indagação. Consiste em descobrir o que outros podem comprovar, empregando suas descobertas em um contexto de pesquisa, isto é produzindo teoria na qual pode se firmar uma pesquisa posterior. Quanto ao ato substantivo, trata-se de um ‘movimento’ que possua um sentido e um significado em uma área específica de ação (DICKEL apud GERALDI, 1998, pg. 90).

Para (ELLIOTT, 2000, p. 154), a dimensão da pesquisa-ação como meio de produzir conhecimentos sobre os problemas vividos pelo profissional, com vistas a atingir uma melhora da situação, de si mesmo e da coletividade. Com esse intuito reflito sobre a minha prática trazendo o cotidiano da escola através de relatos para tornar legítimo os benefícios que o projeto analisado trouxe para a escola. A esse propósito Elliott, mostra que:

A postura do professor como pesquisador tem em vista a produção de conhecimentos e transformação curricular objetivando potencializar o papel da educação no contexto social. (ELLIOTT apud GERALDI, 1998, p. 19)

1. - Histórico do Projeto Alunos Monitores de Mídias

Esta narrativa de pesquisa-ação é um esquema de um típico relatório de análise e reflexão sobre o Projeto Alunos Monitores de Mídias desenvolvido no período de 2004 a 2009 na EMEF Elza Maria Pellegrini de Aguiar, em Campinas. Nesta narrativa de pesquisa o texto não se apresenta dividido em capítulos porque está baseado na abordagem do Rizoma, então qualquer ponto de um rizoma pode ser/estar conectado a qualquer outro.

O conceito de rizoma, portanto, determina a eliminação de uma raiz principal, de um ponto de partida, essa seria substituída por raízes múltiplas, ou secundárias, novas raízes que vão se agregando e que dão origem a um grande desenvolvimento, formando uma "obra total". (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 14)

DELEUZE E GUATTARI (1995, p. 37) propõem um pensar por rizoma: "não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda", afirmam os autores. Neste sentido, um rizoma seria uma espécie de linha sem começo e sem fim.

Portanto, remeti a esse conceito de rizoma como ponto de partida para pensar em multiplicidade. Permitindo que tenha liberdade para narrar o projeto e também sabendo que o Projeto Alunos Monitores de Mídias é um meio feito de direções móveis que a cada ano foi se ramificando e, de acordo com as necessidades; Assim, foi organizado na escola - além da formação dos alunos monitores, um Grupo de Formação de Informática Educativa para professores, o curso Ciranda da Inclusão Digital para os pais, o "I Encontro de Alunos Monitores de Mídias da região sudoeste de Campinas" que foi realizado no ano de 2007. Para Deleuze, o *rizoma* é inter-relação entre os conceitos. O rizoma é o modelo de realização dos acontecimentos, que tem espaços e tempos livres, onde os acontecimentos são potencialidades desenvolvidas das relações entre os elementos do princípio característico das multiplicidades. Nós o usamos e nem paramos para refletir sobre o seu uso. Esse conceito muito tem evoluído nas últimas décadas.

Baseado nesse conceito durante esta pesquisa elaborei uma metáfora que pode ser analisada na foto 1, para retratar o cotidiano do projeto, pois uma das principais características do rizoma é, justamente, a ausência de um centro pré-determinado. Assim, os temas apresentados mostram-se apenas como uma possibilidade de inter – relação.

O rizoma é mapa, e não decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. O mapa é aberto e desmontável, pode ser conectado em qualquer uma de suas partes ou dimensões, é reversível e suscetível de receber montagens de qualquer natureza, ser (re)construído por um indivíduo ou por uma formação social, como obra de arte ou ação política, como uma meditação. Ele tem entradas múltiplas...contrariamente ao decalque, que volta sempre ao mesmo. (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p. 22)

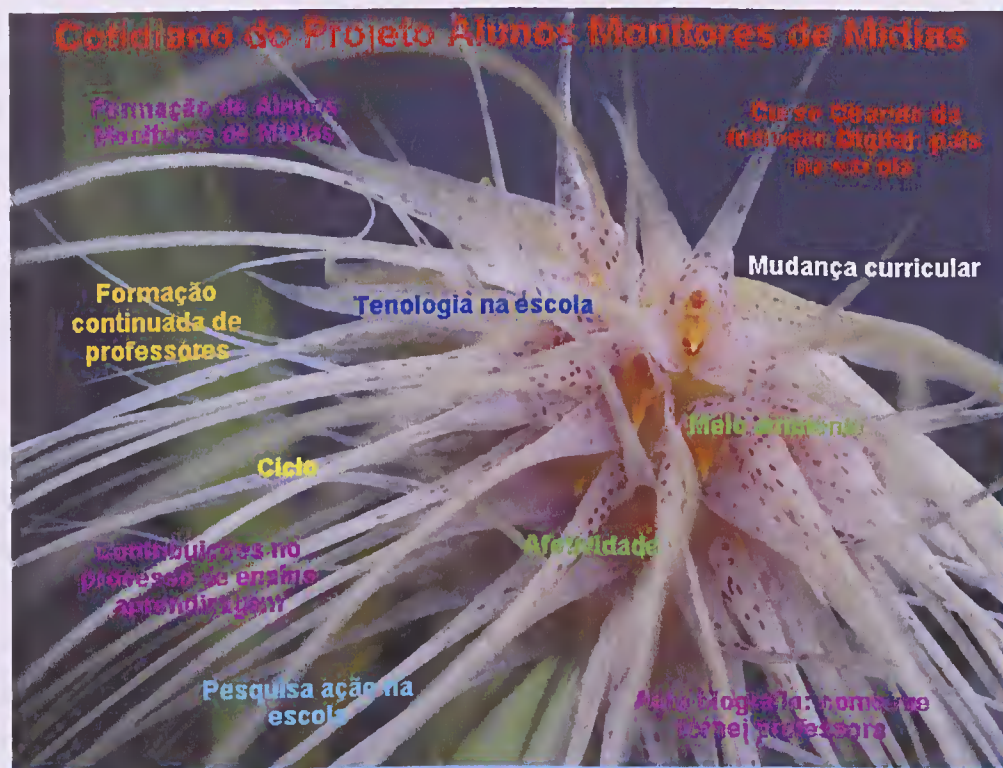


Foto 1 – Metáfora fotográfica das multiplicidades presentes no Projeto Alunos Monitores de Mídias

1.1 - Novas tecnologias na escola, novos desafios.

O Projeto Alunos Monitores de Mídias teve início na escola após a instalação do Laboratório de Informática Educativa com os recursos físicos que constam no (Anexo I). O projeto foi elaborado para viabilizar o uso de novas tecnologias e contribuir no processo de ensino aprendizagem. Através dessa pesquisa da minha prática posso analisar detalhes da execução do projeto.

...a pesquisa talvez seja a possibilidade de o professor tomar a si o direito de seu trabalho e, comprometendo-se com a busca de uma sociedade mais justa, torná-lo capaz de provocar em seus alunos a capacidade de inventar um mundo alternativo. (DICKEL, 1998, p. 33)

As tecnologias acompanham o homem e não são compostas apenas de produtos e equipamentos. Elas estão presentes na vida dos indivíduos e influenciam as diversas práticas sociais, especialmente a educação. Nas atividades cotidianas lida-se com vários tipos de tecnologias. Em nosso cotidiano estão incorporados diferentes tipos de mídias que muitas vezes:

Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado, orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde a tecnologia nos ajudará muito, principalmente as telemáticas. (MORAN, 1998, p. 2)

Essa reflexão vem mostrar as mudanças positivas que as novas tecnologias podem trazer para a escola, pois oferecem meios para que a aprendizagem dos alunos seja mais significativa, vivenciada e interessante; despertando-os e incentivando-os a participarem de atividades atrativas, além de valorizar sua auto-estima, melhorar a qualidade do ensino e proporcionar o conhecimento de várias mídias, com maior ênfase na informática. Este Projeto Alunos Monitores de Mídias que pesquiso ilustra o conceito de Educação Menor, que segundo Gallo (2007) se diferencia da Educação Maior. Esta é a educação que se origina dos currículos oficiais, Planos e Políticas Educacionais que nem sempre chegam às escolas e quando chegam são ressignificadas pela Educação Menor. Portanto, a Educação Menor é a educação que acontece no cotidiano das escolas, invisibilizada, mas que se esvai, pelos corredores, salas de aula, discursos, currículos ocultos, práticas inovadoras. Vejamos:

Educação menor sugiro tomarmos aquela desenvolvida pelos professores na solidão de sua sala de aula, para além de planos... É também aquela que acontece fora da sala de aula, nas relações e nos acontecimentos do cotidiano da escola. (GALLO, 2003, p. 83)

Uma educação de qualidade precisa incentivar e apoiar novas metodologias de ensino que tenham como parceiro o uso das mídias, pois se acredita que estas possam servir como um instrumento pedagógico, que auxiliará professores e alunos a aperfeiçoar seus conhecimentos, melhorando o processo ensino-aprendizagem e preparando os alunos, professores e pais para Inclusão Digital.

Estou aqui para pensar e construir mudanças, para sair da escola que instrui sem a possibilidade de criar expectativas de mudança como define Enguita apud Dickel (2003,), e opto em caminhar em direção a um tipo de escola que instrui e que se preocupa com a reconstrução social transcendendo seus próprios muros como defende Zeichner. (ZEICHNER apud DICKEL, 2003, p. 42).

2. – Alunos Monitores de Mídias

...Na interação real os parceiros estão abertos e querem trocar idéias, vivências, experiências, das quais ambos saem enriquecidos. O discurso é franco, objetivo, participativo. A fala do outro tem repercussão em mim, me ajuda a pensar e a, eventualmente, modificar-me. Há graus diferentes de interação real e de comunicação, mas o importante é essa atitude de busca, de querer comunicar-se, de trocar, crescer, de sair de onde estamos. (MORAN, 2007, p. 45)

Partindo da experiência bem sucedida do uso da tecnologia na formação de alunos monitores, professores e pais (Projeto Aluno Monitor de Mídias) e levando em consideração as mudanças ocorridas na escola, entende-se que faz necessário um registro dessa vivência que foi se ampliando no decorrer do tempo. Ao analisar esse trabalho é necessário dizer que esse projeto inclui-se dentro da ótica de uma *'educação menor'*, conforme o deslocamento que Sílvio Gallo (2003) realiza do conceito de *'literatura menor'* criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, (...) como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALLO, 2003, p. 78)

Durante a realização desse projeto vivenciamos várias etapas e uma delas foi quando foram implantadas as novas tecnologias a partir da inauguração do Laboratório de informática que trouxe consigo a possibilidade de trabalho com outras mídias. Nesse momento as pessoas mostraram certa resistência a usar os equipamentos, então foi necessário “desterritorializar”:

Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades. (GALLO, 2003, p. 81)

Os computadores foram instalados na escola no 1º semestre de 2004, mas os alunos não usavam porque os professores não se sentiam preparados para usufruir

das novas tecnologias, ainda mais que o sistema instalado nos computadores era *Linux*, o que criava uma barreira, então o laboratório permanecia vazio. Podemos observar na foto 2 o Laboratório de Mídias completo após a instalação dos computadores, mas improdutivo e sem vida.



Foto 2 - Laboratório de Mídias

Ver esta cena acabava incomodando porque os alunos necessitavam ter acesso a essas novas tecnologias. Então, comecei a escrever o projeto a ser desenvolvido na escola de 1ª a 4ª série para incentivar o uso dessa tecnologia e a melhor maneira de impulsionar o projeto foi sensibilizar os professores através da formação dos alunos monitores.

Ao escrever o Projeto alunos Monitores de Mídias fui pesquisar na literatura alguma teoria sobre o assunto e encontrei poucas experiências, sendo que não localizei nenhuma pesquisa científica sobre o tema, então resolvi colocar em prática sem a devida fundamentação teórica. O que encontrei e analisei na época foi um projeto de monitores direcionado ao público jovem, mas senti que na escola teria que fazer diferente. Elaborar um projeto, em que os monitores seriam os próprios alunos de 1ª a 4ª série, uma experiência que até então eu desconhecia. O principal objetivo do projeto foi sensibilizar professores e alunos, viabilizando o uso das novas tecnologias, assim contribuindo no processo de ensino - aprendizagem.

Para legitimar as contribuições da participação dos alunos no projeto trago abaixo o depoimento da aluna Natália monitora de mídias.

Depois três anos de formação a aluna monitora relatou sobre o que é ser aluna monitora de mídias:

Ser aluna monitora de mídias é ótimo, eu aprendo coisas que eu não sabia. Aprendo a digitar, que é o que eu mais gosto, a salvar, imprimir, a colocar outro tipo de letra. Ajudo os meus amigos e colegas que não estão na mesma série que eu. Eu me sinto ótima quando eu estou na informática, gosto muito de informática, pois aprendo coisas novas e sobre coisas que eu não sabia.

Quadro nº 1 – Depoimento da aluna monitora de mídias Natália no ano de 2008

Para explicitar o papel dos alunos monitores de mídias eu retomo o conceito de rizoma e de educação menor.

A educação Menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. (...) Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também. (GALLO, 2003, p. 84)

Após análise, reflexão sobre a avaliação que a aluna faz da sua própria aprendizagem e sobre como define ser aluno monitor de mídias relaciono isso com a teoria do rizoma, posso afirmar que os alunos Monitores de Mídias são alunos multiplicadores de conhecimentos através do uso de tecnologia e que, além do conteúdo de informática, outros conteúdos são de fundamental importância para a formação dos mesmos como: pontualidade, frequência, respeito, colaboração e responsabilidade. São alunos que permanecem na escola após seu horário de aula durante duas horas semanais para participarem de reuniões e formação. Posteriormente, os conteúdos aprendidos nesses momentos de formação são multiplicados durante a aula de informática da sua classe para com os colegas e professor.

Esse projeto auxiliou a escola a desenvolver metodologias de ensino que utilizem o computador de forma adequada e disciplinada, onde os alunos junto com o professor aprenderam a explorar as suas próprias idéias, ampliando a sua capacidade e desenvolvendo confiança com o uso das novas tecnologias.

Os alunos monitores de mídias eram responsáveis por acompanhar e ajudar os professores no Laboratório de Informática. Para formação desses alunos eles eram selecionados em grupos de três alunos monitores por classe que tinham a oportunidade maior de usar o computador e monitorar as turmas na sala de

informática; como também facilitar o trabalho do professor, auxiliando-o em questões simples, mas que demandam tempo tais como buscar a chave do laboratório, abrir, ligar/desligar os computadores no final da aula, fechar o laboratório e entregar a chave na diretoria. A economia de tempo nesses afazeres revertia-se em mais tempo para o ato pedagógico propriamente dito.

Com a chegada de novas tecnologias na escola começaram as mudanças, iniciando-se a formação de alunos monitores com o objetivo de ampliar e facilitar o uso das mídias na escola, com vistas a contribuir no processo de ensino e da aprendizagem. Com esse projeto, foi notório que aqueles alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem tiveram um avanço significativo, porque a partir da participação dos mesmos como alunos monitores de mídias se sentiram valorizados e motivados com relação à escola.

Entende-se isso como ramificação política de atuação no cotidiano. Assim,

...a ramificação política da educação menor, ao agir no sentido de desterritorializar as diretrizes políticas da educação maior, é que abre espaço para que o educador militante possa exercer suas ações, que se circunscrevem num nível micropolítico. A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro-relações sociais. Não se trata, aqui, de buscar as grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim de empenhar-se nos atos cotidianos. (GALLO, 2003, p. 82)

A formação de Alunos Monitores de Mídias exige a incorporação da cultura midiática, uma vez que, as tecnologias propiciam um ambiente de aprendizagem poderoso, dinâmico e colaborativo. Sendo assim, o uso da tecnologia deve ser um meio que dinamize o processo de ensino e aprendizagem. Na formação desses alunos monitores são oferecidos subsídios teórico-práticos para que aprendam a utilizar os recursos da informática, das mídias, tecnologias interativas e de comunicação, de modo que, como multiplicadores, possam aplicá-los no cotidiano escolar de maneira criativa e prazerosa.

2.1 – Identificando as aptidões dos alunos candidatos a Monitor de Mídias

Depois que escrevi o projeto fazia necessário ter apoio da direção da escola e dos professores para implementação e para tanto parti desse pressuposto:

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais, enfim, da variada oferta de serviços digitais. (MORAN, 2007, p. 9)

Esses princípios foram norteadores e legitimaram o projeto, então em reunião com o grupo de professores da escola o mesmo foi apresentado e solicitado para cada professor de 1ª a 4ª série que escolhesse três alunos para serem alunos monitores. O critério usado no ano de 2004 foi a habilidade em usar as novas tecnologias. Após seleção dos alunos pela professora da classe ela passava os nomes e eu ia às salas convidar esses alunos para a primeira reunião. Todos os alunos convidados ficaram muito interessados.

Essa primeira reunião tinha como objetivos: a apresentação do projeto, a apreciação pelos candidatos e fazê-los conhecer as atribuições dos alunos monitores como pode ser visualizado no (ANEXO II).

Após a apresentação dessas atribuições foi feita a seguinte pergunta aos candidatos: *“Após a leitura dessas atribuições, quem deseja fazer parte deste projeto?”* Para surpresa, de 24 alunos apenas 2 alunos não se interessaram.

Os alunos que tiveram interesse em participar do projeto levaram para casa um pedido de autorização e todos os alunos cujos pais autorizassem, participariam da formação.

Em 2005 houve uma alteração no critério para seleção do aluno monitor. Isso se deu devido ao fato de que sempre me senti incomodada com aqueles alunos com dificuldade de aprendizagem e com baixa auto-estima. A partir daí cada professora selecionava um aluno com essas características. Esse critério fez a diferença no projeto porque alguns desses alunos se destacaram e se sentiram valorizados.

Ajudar o aluno a acreditar em si, a se sentir seguro, a se valorizar como pessoa e se aceitar plenamente em todas as dimensões da vida. Se o aluno

acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social. (MORAN, 2007 p. 33)

2.2 – Formação dos alunos monitores de mídias

Na segunda semana do 2º semestre de 2004 todos os alunos interessados compareceram no Laboratório de Informática da escola para o início das reuniões de formação. Observe a Foto 3 que ilustra a primeira parte da reunião, onde todos falam das dificuldades encontradas durante suas monitorias e também é o momento de tirar as dúvidas, sempre com muita participação e interesse de todos os alunos monitores.



Foto 3 – Reuniões semanais

As reuniões se constituíam a partir de três eixos:

- a) Teoria: esse momento era composto por reflexões sobre alguns conceitos tecnológicos: *Linux*, software, Hardware e para tirar dúvidas sobre as dificuldades encontradas na semana anterior.
- b) Tecnologia (prática): eram trabalhadas noções de informática (ambiente multimídia, processador de texto, Impress, Calc, jogos educacionais, internet, e-mail, livro digital, HQ, Fotonovela, pesquisa e Blog), observe momento de formação na foto 4.
- c) Afetividade (Valores): valorização da capacidade do aluno, a auto-estima, o prazer, o envolvimento nos estudos e a ampliação dos conhecimentos e o uso das mídias no processo ensino-aprendizagem.

Ao que concordo com Moran quando este afirma que:

É importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem. É importante também inserir as tecnologias nos valores, na comunicação afetiva, na flexibilização do espaço e tempo do ensino-aprendizagem. (MORAN, 2007, p. 38)



Foto 4 – Formação prática de alunos monitores

Após as reuniões de formação os alunos monitores de mídias ficavam responsáveis em multiplicar para seus colegas o que foi aprendido e cada participante do projeto usava uma camiseta azul com o nome nas costas. O objetivo do uso da camiseta era para facilitar a identificação do aluno durante o atendimento da sua sala ou quando este fosse solicitado para entrar na escola depois do horário para ajudar outras professoras. O aluno se sentia valorizado usando a camiseta. Podemos observar na foto 5 a estampa de uma camiseta, às costas, onde aparece o nome do aluno;



Foto 5 – Identificação: Nome do aluno na camiseta

2.3 – Mudanças no comportamento dos alunos monitores frente ao projeto ALUNOS MONITORES de mídias na escola

Na coleta de dados da realização desta pesquisa os alunos deram depoimentos sobre as várias contribuições que o projeto Alunos Monitores trouxe para suas vidas e ficou notório que se sentiram mais motivados em relação à escola, afirmaram que o projeto provocou mudanças no comportamento, pois, passaram a valorizar o espaço escolar, o que os levou a acreditar em seu potencial. A esse propósito acredito que esse projeto é o caminho, pois quero:

Uma escola que privilegie a relação com os alunos, a afetividade, a motivação, a aceitação, o conhecimento das diferenças. Que envolva afetivamente os alunos, dê suporte emocional, leve os alunos a acreditar em si mesmo. (MORAN, 2007, p. 26)

Para ilustrar o que Moran diz, cito aqui o exemplo do aluno monitor Renato que apresentava dificuldade de aprendizagem, baixa autoestima. Em seu depoimento mostra que fazer parte do projeto provocou mudanças em sua vida, pois, passou a acreditar em seu potencial.

...eu estava na sala, a professora chegou e falou os nomes dos alunos que seriam monitores naquele ano...quando ela falou meu nome eu nem imaginava que podia ser útil em alguma coisa. Ela mostrou para mim que eu podia ser útil como aluno monitor e em outras coisas também. Pensei: então vamos enfrentar esse desafio, desafio da vida... Foi um desafio que gostei e estou até hoje 2008. Comecei, estava na 2ª série e hoje estou na 8ª série e gostaria de ser convidado no ano que vem mais uma vez pra participar. Eu nem imaginava que podia ser útil nisso. Mas ela me deu confiança. Cheguei e falei que não sabia mexer em nada, nem no computador e ela me mostrou confiança e o caminho. Aprendi, segui o caminho e estou até hoje. Pretendo seguir em frente, creio que estou no caminho certo. Apesar de achar que não era útil eu ajudei muitas pessoas e creio que fui ajudado também. (Aluno Renato –TRANSCRIÇÃO DEPOIMENTO VÍDEO– Dezembro/2008)

Quadro nº. 2 - Depoimento do aluno Renato sobre a sua vivência como aluno monitor de mídias e mudanças provocadas em sua vida.

Para tornar legítimas essas mudanças no comportamento dos alunos, trago o depoimento da professora Alice que dá a sua opinião sobre a relevância do projeto para os alunos monitores:

Toda tecnologia deve servir, nunca conduzir e determinar. É com essa perspectiva que os alunos monitores do projeto são treinados para atuarem juntamente a outros professores e alunos. Trata-se de mais uma oportunidade de valorização, incentivo e desenvolvimento da autonomia e auto-estima dos alunos que sentem alegria, orgulho e são duplamente estimulados quando percebem que o seu desempenho como aluno monitor está sendo muito produtivo, auxiliando e orientando professores e alunos. O projeto é de suma importância principalmente para os alunos que apresentam níveis de aprendizagem abaixo do esperado... Os alunos melhoram na aprendizagem e elevam a auto-estima. (Depoimento extraído de relato - setembro/ 2009)

Quadro nº. 3 - Depoimento da professora Alice sobre os alunos-monitores

3.0 - Laboratório de informática – um novo cenário

Com a formação dos alunos monitores de mídias surge um novo cenário no laboratório de informática educativa e neste momento iniciam as mudanças. “Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda” (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p. 18), afirmam os autores. Neste sentido, um rizoma seria uma espécie de linha sem começo e sem fim.

Os professores ficaram interessados em conhecer essas novas tecnologias a partir do momento que apresentei o projeto durante a reunião. Alguns professores disseram que seus alunos monitores já cobravam para que as novas tecnologias fossem utilizadas e se diziam preparados.

Foi aí que percebi a necessidade de escrever um subprojeto direcionado aos professores para que houvesse uma parceria. O projeto precisava do envolvimento de todos da escola: diretor, orientador pedagógico, professores e alunos. Partindo do princípio de que a diretora apoiava o projeto e os alunos monitores já estavam incluídos digitalmente, então só faltava o apoio dos professores. Na perspectiva de Nóvoa e Schön (1992), a formação continuada não pode estar dissociada da ação, nem a formação inicial pode ser definida *a priori* da ação.

No primeiro momento orientei para que os professores fizessem inscrições para os cursos de formação do NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) de Campinas porque achei que lá seria o lugar para a inclusão digital desses professores, mas aí surgiram os obstáculos. Percebi que esse não era o caminho e resolvi apostar no espaço da escola. Baseado na minha formação no NTE escrevi o projeto **Informática Educativa para Professores** e pedi o apoio da então coordenadora do NTE (profa. Hermínia). Ela apostou na idéia e ficou responsável por dar a certificação desse curso, que seria realizado na escola. No ano de 2005 foram abertas as inscrições para o grupo de formação de Informática Educativa. De todas as professoras de 1º ao 5º ano apenas uma não fez o curso. No final do curso

foi feita a avaliação³, a qual evidenciou resultados muito positivos. Esse curso teve a duração de um semestre com a carga horária de 30 horas, sendo duas horas semanais.

3.1- Mudanças no comportamento dos professores frente as novas tecnologias na escola.

A partir desse Grupo de Formação de Informática Educativa todas as professoras de 1º ao 5º ano começaram a usar as novas tecnologias na escola o que mudou o cenário do Laboratório de Informática Educativa. Este espaço que antes estava sem vida, agora alunos e professores podiam usufruir dessas ferramentas midiáticas, como pode ser visto na foto número 6.



. Foto 6 – Grupo de Formação de Informática Educativa

Segundo MORAN,(2007, p. 22) “em nossa concepção de educação, educando e educador são sujeitos que aprendem e ensinam no mesmo passo”.

2 – Estas questões constaram da referida avaliação - *Qual contribuição esse curso trouxe para sua vida pessoal e profissional? O que você acha do apoio dos alunos monitores em suas aulas? Como você avalia os encontros, quanto a: conteúdo, estratégia, desenvolvimento? Deixe suas sugestões para o próximo ano*

Com o apoio dos alunos monitores, os professores se sentiam mais confiantes e confortáveis para usar o laboratório, pois os alunos monitores estavam presentes para ajudar o professor, de forma que um ensinava o outro e assim aprendiam mutuamente.

Essa experiência de formação de professores na própria escola mostrou o quanto o trabalho tornou consistente, prova disto é que até hoje em 2009 todas as professoras ainda usam esses recursos, cada dia com mais interesse e sempre em busca de outras possibilidades, num processo de formação permanente.

Durante esse curso pedi que as professoras avaliassem o projeto alunos monitores. Observe os comentários:

O Projeto aluno monitor da nossa escola já provou durante esses anos a sua eficácia. Nós, professores, não imaginamos o laboratório, multimídia sem os monitores. Além de ajudarem os colegas, pais e professores, também se ajudam elevando sua auto- estima por se sentirem úteis e importantes para o trabalho na escola. (Depoimento pela profª. Valéria Setembro/2009)

Quadro nº 4 – Professora Valéria comenta sobre o papel do aluno monitor

Outra professora comenta:

Acredito no trabalho em grupo, e vejo que o apoio dos monitores nas aulas de informática fez muita diferença. Agradeço o apoio de todos. Não me vejo usando o Laboratório sem a ajuda deles! (Depoimento pela professora Marice – setembro/2009)
--

Quadro nº. 5 - Avaliação do Projeto Alunos Monitores de Mídias pela professora Marice

Partindo do interesse dos professores no ano de 2006 continuamos o curso, como pode ser visto no convite para inscrições, (Anexo III).

4.0 – Experiência na aplicação dos conhecimentos dos alunos monitores a sua comunidade

Pois,

“... se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos informados e mesmo formados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos”. (PIAGET, 1972- 2000, p. 50)

E os pais desses Alunos Monitores? O que pensam a respeito da atividade desenvolvida pelos seus filhos? Os pais não conheciam em detalhes o projeto alunos Monitores de Mídias, mas autorizavam os filhos a participarem. Surge uma inquietação: *“como trazer esses pais para conhecerem o projeto, participarem de uma forma ativa da vida escolar de seus filhos”*? Foi a partir dessas inquietações que dei início a um subprojeto: **Ciranda da Inclusão Digital**, no qual organizei o curso de informática e os filhos (alunos monitores) ensinavam os próprios pais. Observe abaixo o depoimento da mãe Cristina sobre o curso que fez na escola.

Quando ouvi a Gisele falar do curso de informática para pais, pensei: esta é a minha oportunidade de realizar um grande sonho. Fiquei atenta para não perder a inscrição. Hoje aprendi muito... Não me sinto mais distante do mundo moderno, nem tão diferente dos meus filhos, sou muito feliz e realizada. Sou muito grata a todas por sermos amigas e fiéis ao nosso compromisso de todas as tardes de terça-feira, onde aprendemos e nos divertimos no mundo da informática. Gostaria que mais pais e mães pudessem ter esta chance! (Depoimento da mãe Cristina, Agosto/2009).

Quadro nº 6 - Mãe envia depoimento sobre a Ciranda a Inclusão Digital por e-mail

Estamos acostumados a diagnosticar as dificuldades dos pais e quanto os alunos sofrem influência destes. Tendo por base tais evidências, mesmo que empíricas, providenciamos uma maior aproximação da família da escola, pois, entendemos que a construção da parceria enquanto uma relação de cooperação entre a família e escola, implica em colocar-se no lugar do outro. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa. Diante de tais inquietações chegou o momento de desterritorializar e avançar mais um passo, pois, segundo DELEUZE E GUATTARI

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas também compreende linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem para. (DELEUZE E GUATARRI, 1995, p. 18).

Refletindo sobre essas questões, no 2º semestre de 2007 resolvi proporcionar aos pais dos alunos um curso básico de informática, para que os mesmos tivessem maior acesso a essa tecnologia e dela pudessem se beneficiar, seja em seus afazeres, no trabalho, seja no auxílio aos filhos ou simplesmente para que se sentissem melhor inseridos no contexto em que vivemos, conforme foto 7 e depoimento da mãe Gilvana .

A participação dos monitores é tão importante quanto a dos professores, pois quando eles se propõem a nos ajudar dá a impressão que eles são professores ...quando precisamos de ajuda eles estão disposto a ajudar . (Depoimento da mãe Gilvana – Setembro/2009)

Quadro nº 7 - Mãe faz comentário valorizando a participação dos alunos monitores como co-autores do projeto.



Foto 7 - Ciranda da Inclusão Digital: o filho/aluno ensina à(s) mãe(s) sobre os recursos tecnológicos.
(Parceria: Pais/ Escola)

Aproximar os pais da escola, permitindo um intercâmbio maior entre a escola e a família, pois é importante salientar que os alunos monitores ensinavam seus próprios pais, bem como os demais pais inscritos. Na verdade, o curso foi um pretexto para que os pais participassem do projeto e assim pudessem se aproximar mais efetivamente da vida escolar dos filhos, podendo conhecer e participar das atividades da escola.

Pensando nessas questões em 2007 resolvi colocar em prática o projeto para proporcionar os pais dos alunos um curso denominado Ciranda da Inclusão Digital, para que os mesmos tivessem maior acesso a essa tecnologia e dela pudessem se beneficiar, seja em seus afazeres, no trabalho, no auxílio aos filhos, ou simplesmente para que se sintam melhor inseridos no contexto em que vivemos.

Em 2007 eu iniciei uma turma com o módulo I, já em 2008 com a parceria da professora Valéria que fez o curso de formação dos professores ampliamos o curso e tivemos duas turmas, uma de módulo I e uma de módulo II, partiu do interesse dos pais e percebi na avaliação dos pais, muito positiva, o que é mostrado através de seus relatos e de seus filhos.

Eu estou gostando muito do curso, pois está fazendo muito bem para mim e é muito importante para todos nós porque hoje em dia aprender informática faz parte da vida. Sem contar que aqui nós distraímos muito e dá até para a gente esquecer os problemas e descontrair um pouco... Eu não sabia nada agora graças aos monitores que estão sempre presentes para ensinar a cada um de nós. (Depoimento da mãe Vera – Agosto/2009)

Quadro 8 – Através de depoimento por e-mail mãe esclarece que o curso também é o momento de descontração.

Vejo isso como “Valor coletivo” entendido como a coletivização, a valoração/valorização de cada singularidade. Nas palavras de GALLO,

...a educação menor⁴ é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. (...) Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também. (GALLO, 2003, p. 84)

De acordo com Garcia e d’Abreu (2009),

Educação Menor caracteriza-se por aquela que circula pelos “vãos” da escola, está presente nos recreios, nos processos formativos autônomos, nos corredores, longe do alcance do controle... A mídia menor constitui-se na mídia cidadã, aquela que produz informação, mas também educa e orienta-se pelos princípios da criatividade, da ética, da transformação social, da valorização do ser humano e pode ser um instrumento de produção de conhecimentos e subjetividades. A educação, a mídia e ciência menores podem produzir ramificações no território das escolas, a depender das concepções político educativo-epistemológicas do coletivo que as assumem. GARCIA E D’ABREU (2009)

⁴ “Acontecimento e resistência Educação Menor no cotidiano da escola, presente no livro Ana Maria Facioli de Camargo e Márcio Mariguela, Jacintho Editores. Piracicaba, 2007

Estamos na era digital, da informação e da comunicação. As crianças têm contato com a tecnologia desde cedo. Quando chegam à escola já apresentam uma bagagem de conhecimentos tecnológicos que lhes permitem ir sempre mais além. Isso faz pensar na progressão que pais, que não pertencem à geração digital, precisam adquirir não só para acompanhar o desenvolvimento dessas crianças, mas principalmente os avanços que surgem em decorrência dessa geração.

Muitas pessoas ainda apresentam uma relação muito distante com esses recursos, seja por medo ou por falta de oportunidades de conhecê-los melhor, o que gera certo desconforto de sua parte quando se deparam com situações em que a utilização dos mesmos é essencial (bancos, supermercados, caixas eletrônicos, cartões de crédito, etc.). A tecnologia tem um papel importante em nosso dia-a-dia. Mesmo quem não tem computador em casa ou no trabalho convive com recursos tecnológicos e deles depende direta ou indiretamente.

Os pais dos alunos têm de ser aliados do processo educativo, e não somente espectadores externos. Para isso é necessário envolvê-los nesse processo, fazendo os partícipes e contribuindo para que se possam produzir as trocas necessárias. (DELVAL, 2008, p. 138)

Apesar de apostar no sucesso do projeto fiquei preocupada, pois necessitava do apoio da gestão da escola e foi acreditando na fala de Moran (2007), a escola precisa de gestão eficiente e do envolvimento da comunidade de pais.

Após elaboração do projeto Ciranda da Inclusão Digital houve a apreciação da diretora da escola que autorizou, apesar de demonstrar preocupação em relação ao horário de início do curso coincidir com o horário de trabalho de muitos pais. Não me faltavam argumentos para que o curso acontecesse, pois me lembrei que “os pais que quero trazer para escola são justamente aqueles que pararam de trabalhar e de estudar”, Sempre defendi que eram esses pais que necessitavam de um maior incentivo, e isto com certeza, se refletiria na educação de seus filhos. Para Moran, “não há como fazer educação dissociado da família... é preciso envolvê-los, para que valorizem a escola. No momento em que fazem isso, o educando passa a ter outro interesse pelos estudos” (2007, p.10).

A partir daí foi elaborado um bilhete convidando os pais para as inscrições. O número de vagas foi preenchido e deu-se início ao curso (Ver pauta do curso de pais Anexo IV).

4.1 - Dinâmica e objetivos do curso

É importante observar a dinâmica do curso; todo início de aula era o momento de reflexão através da leitura de um pequeno texto que contivesse mensagens de vida, seguido de debate e depois era apresentada a atividade do dia.

Relaciono aqui os principais objetivos do curso:

Levar os pais a reflexão, através de textos educativos.

Familiarizar os pais com o recurso tecnológico, contribuindo para que os mesmos estreitem suas relações com a tecnologia, inserindo-se melhor ao contexto da modernidade.

Aproximar os pais da escola, permitindo um intercâmbio maior entre a escola e a família. É importante salientar que os alunos monitores ensinavam seus próprios pais.

Oferecer à comunidade escolar a oportunidade de utilizar os recursos do Laboratório de Informática Educativa da escola para aprimorar seus conhecimentos.

Esse projeto visava proporcionar aos pais um maior conhecimento dos recursos tecnológicos através de um curso básico de informática, em que eles aprenderam desde como se liga e desliga um equipamento, até a utilização dos programas do *OpenOffice*. Alguns exemplos de atividades desenvolvidas no curso: confecção de livro de receitas, elaboração de currículo, lista telefônica, agenda semanal, fotonovela, slide para homenagear os filhos, cartão para o dia das mães, lista de compras, poesia sobre meio ambiente, tabelas, internet e e-mail. É importante salientar que além dessas atividades usando as ferramentas tecnológicas todo encontro é apresentada uma mensagem para reflexão sobre questões educacionais, afetividade, valores, ética e moral; para finalizar os alunos monitores usando bolinhas de tênis massageiam as costas dos pais presentes (um ato simbólico), gerando um momento de descontração, harmonia e afetividade.

As aulas eram oferecidas uma vez por semana, tendo duração de duas horas, distribuídas em quatro meses. O curso era composto de carga horária de 30 horas, com 20 vagas em cada semestre letivo.

Em 2007 o curso era ministrado por esta pesquisadora, autora deste estudo, professora Gisele Flavia Alves Oliveira que coordenou o projeto, tendo o auxílio de alunos monitores que ensinaram os pais.

Em 2008 para o crescimento do projeto outra professora, Valéria, que fez o curso de formação de informática para professores aceitou o convite para ser minha parceira no projeto, colaborando para ampliação e fortalecimento do mesmo.

Acredito que a escola necessita do trabalho em grupo, pois é um grupo social formado por professores, funcionários, comunidade e alunos, com objetivo primordial de transmitir cultura. A escola é um grupo social considerado como uma reunião de pessoas com objetivos comuns, num processo de interação contínua.

4.2 - Evolução e o retorno com conhecimentos em prol da comunidade

Com o Projeto alunos monitores de mídias aconteceram muitas mudanças na escola, o que retornou em conhecimento em prol da comunidade, porque os alunos aplicam o que aprenderam em sua formação em prol da comunidade escolar, no Curso Ciranda da Inclusão Digital. Portanto, o estímulo dos alunos monitores está no olhar do querer aprender. Ontem, eles aprenderam, hoje podem ensinar, e precisam de muita luta, pois há muita estrada a ser percorrida.

No final do curso foi feita a avaliação e oferecido um certificado de participação, no qual constava o número de horas de participação de cada aluno. No final do curso era entregue um certificado para os pais, conforme pode ser visto na foto 8.

Diante da alegria das mães no recebimento do certificado deixo aqui registrado alguns depoimentos sobre o Curso Ciranda da Inclusão Digital e sobre o papel do aluno monitor. Quero com isso mostrar o quanto o projeto evoluiu e o retorno que os alunos monitores trazem para a comunidade.

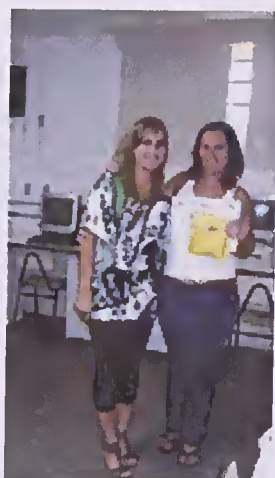


Foto 8 – Entrega de certificado
no Curso Ciranda da Inclusão Digital

No momento que comecei a participar do Projeto Ciranda da Inclusão Digital, eu não conhecia o laboratório de informática que há na escola e também não sabia mexer em nada no computador. Embora meus filhos sejam alunos monitores eu desconhecia o conteúdo importantíssimo que lhes é ensinado. Quando comecei a participar das aulas posso dizer com sinceridade, aprendi muito, o qual nem imaginava que pudesse existir. Também digo que há muita motivação e que através destas aulas hoje me sinto realizada, pois voltei a estudar e consigo fazer muitos trabalhos, pesquisas na internet. Também ajudo pessoas passando para elas o que ali aprendi. Gosto muito deste curso e gostaria de continuar participando. (Mãe-Cássia R. Velho Stolze)

Quadro nº 9 - Projeto na escola amplia horizontes para pais e alunos

A seguir tenho o depoimento de Sarah que é mãe de uma aluna monitora do 1º ano, que desde cedo tem a oportunidade de formação na escola.

...hoje posso dizer que sei manusear um computador, que antes para mim era um bicho de sete cabeças! Com a ajuda da professora e dos monitores que são na verdade umas crianças, mas que prezam a confiança e nos ajudam com gosto, e se sentem importantes em estar aqui, tirando nossas dúvidas e nos ensinando... Sabemos que nos dias de hoje seria ótimo se todas as escolas implantassem este projeto para os pais, é uma grande oportunidade, pois nem todos têm condições financeiras para fazer o curso. Gosto tanto do curso, que na época da greve e da gripe suína, que não teve aula, senti muita falta, pois tornou um grande compromisso para mim e sinto falta quando não podemos ir. Espero que este projeto tenha muito êxito e que nos próximos anos continue tendo. (Depoimento da mãe Sarah, Setembro/2009).

Quadro 10 – Mãe de aluna monitora de mídias acompanha de perto o projeto

Todas as mães do curso através de depoimentos nos mostraram a relevância da participação de um curso na escola destinado a pais e também as mudanças

ocorridas em suas vidas em decorrência da participação do Curso Ciranda da Inclusão Digital. Acredito no que nos diz Moran:

A escola pode incluir a comunidade ao seu redor, criar pontes para as situações reais de aprendizagem existentes, vivenciadas na prática. Pode oferecer espaços de atualização para as famílias e comunidade. A escola precisa envolver e qualificar as famílias. (MORAN, 2007, p. 68)

5.0- Dificuldades encontradas no projeto aluno monitor de mídias e no curso de inclusão digital

Desde o início do projeto e do curso as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia se repetiam. Sempre faltou suporte técnico aos computadores e Internet, como por exemplo: quando uma máquina apresentava defeito, era anotado em um livro próprio que há no Laboratório de Informática educativa e em seguida era aberta uma ocorrência no setor de suporte técnico. Porém, os técnicos podiam levar até dois meses para aparecer na escola. Sendo assim ia acumulando o número de máquinas para manutenção, o que, certamente, prejudicou o trabalho. Mas apesar disso, em nenhum momento desisti do projeto.

Hoje as máquinas que foram instaladas na escola em 2004 estão ultrapassadas com memória de 256 MB, o que torna o trabalho limitado, não sendo possível explorar a edição de vídeos, mas nem essas dificuldades anulam a vontade de continuar.

Uma das várias sinalizações para detectar a atitude reflexiva do professor é verificar se ao avaliar o seu próprio trabalho ele se submete a questionamentos mais amplos como "os resultados são bons, para quem e de que maneira" e não simplesmente restringir-se a "os meus objetivos foram atingidos (ZEICHNER e LISTON *apud* GERALDI, 1996, p. 11)

6.0 - Considerações finais

Esta pesquisa-ação baseada nos conceitos de multiplicidade e rizoma propostos por Deleuze e Guattari resultou da reflexão a partir do Projeto Alunos Monitores de Mídias desenvolvido na EMEF Elza Maria P. de Aguiar desde 2004 até 2009 e mostrou como se constitui uma escola na qual alunos monitores de mídias promovem a viabilização do uso do laboratório de Informática a partir da formação de professores e pais.

No início do estudo foram colocadas questões que orientariam toda a minha busca e investigação: *“Como se constitui uma escola na qual alunos monitores de tecnologia promovem a viabilização do uso do laboratório de Informática a partir da formação de professores e pais? Outra questão investigada: no processo, durante o estudo, quais mudanças foram provocadas nas atitudes dos alunos, professores e pais com a implantação do Projeto Alunos Monitores Mídias na Escola?”*

As respostas foram se constituindo no *dever*, nos *acontecimentos* (GALLO, 2007). Através dos depoimentos de alunos, pais e professores ficou evidente que com o desenvolvimento do projeto na escola deu-se início a um processo de transformação no uso das mídias presentes no cotidiano escolar. Através dos referenciais teóricos e depoimentos dos envolvidos no projeto ficou notório que a formação do aluno monitor é um dos muitos caminhos possíveis para se viabilizar o uso de mídias na escola e também valorizar os pais e alunos. Alunos e pais produzem novos sentidos ao aprender, pressupondo uma perspectiva rizomática e, junto a professores, desenvolvem múltiplas conexões, pois, no rizoma não existe centro nem tampouco início e fim. Existem ramificações e todos os atores envolvidos buscam a inclusão digital, numa perspectiva cidadã.

A partir desta pesquisa – que é também uma reflexão da minha prática pedagógica usando mídias na formação de alunos monitores, professores e pais, constatei que esse projeto trouxe para a escola transformações que representaram para os alunos uma nova conduta de vida marcada pelo uso das mídias e também pelas mudanças de posturas, posto que se sentiram mais valorizados. Ficou claro que a formação dos professores é fundamental para que sejam usadas essas novas tecnologias na escola, mas essa formação não se sustenta sozinha porque cada

professor necessitou do apoio de alunos monitores de mídias que são multiplicadores de conhecimentos.

Percebi também que, com a implantação do Projeto Alunos Monitores de Mídias na escola, outras mudanças aconteceram, como por exemplo: viabilizou-se o uso de novas tecnologias no ambiente escolar; Houve contribuições no processo de ensino aprendizagem; Constatou-se um maior incentivo ao trabalho coletivo e dinamizou-se a interação dos alunos com os pais através do curso Ciranda da Inclusão Digital; Outras mudanças nas atitudes dos alunos monitores: prazer em estar na escola, respeito ao próximo, pontualidade, responsabilidade e cooperação.

Durante a realização desta pesquisa fui percebendo o quanto este Projeto transformou a rotina da escola. Refleti e atuei para um melhor desenvolvimento da prática. Ao dialogar com os autores e analisar os depoimentos de alunos, professores e pais percebi as mudanças que o uso das mídias através do projeto provocaram no cotidiano da escola e da comunidade.

Com esta pesquisa novas perguntas foram surgindo: *Após a participação no projeto quais as mudanças na representação social da escola para os alunos e pais? Onde cada aluno monitor pode chegar? Aqueles alunos que participaram do projeto em 2004 e tiveram sua auto-estima elevada durante a participação do projeto continuaram interessados nos estudos?*

De acordo com Geraldi

O objetivo da pesquisa-ação não é simplesmente resolver um problema prático da melhor forma, mas, pelo delineamento do problema, pretende compreender e melhorar a atividade educativa. Ela está, portanto, preocupada com a mudança da situação e não só com a interpretação. (GERALDI, 2003, p. 163)

Ao realizar esta pesquisa-ação algumas transformações ocorreram na minha prática no decorrer das investigações, pois além de dialogar com alguns autores aos poucos pude dimensionar a valoração do Projeto Alunos Monitores de Mídias na vida da comunidade escolar; construí a minha formação profissional, me apropriei de saberes e aos poucos relacionei com a minha prática. Essa relação entre teoria e prática estreitou laços entre a pesquisa acadêmica e a minha prática docente, o que levou a uma ressignificação mútua dos saberes.

Através desta pesquisa qualifiquei o projeto pesquisado e a minha formação, com vistas à melhoria da prática docente, tomei consciência de que esse projeto pode ser uma saída para a interação dos pais com a escola; também ampliou o meu olhar e trouxe muita satisfação em perceber que o ensinamento colocado em prática pode provocar transformações na escola.

Portanto, espero que este estudo possa facilitar a disseminação do uso de novas tecnologias em outras escolas, cada qual inventando seu próprio jeito de caminhar, vivenciando sua própria experiência. De nossa parte, sabemos o caminho que teremos que percorrer, pois as sementes foram plantadas em solo fértil e já floriram, agora nos resta colher os frutos. Ao finalizar, deixo com os leitores e leitoras um trecho de Camões:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades...
(Soneto - Luís Vaz de Camões)

7.0 -Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. **O Narrador**. In: **Magia e Técnica, Arte e Política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASTELL, M. **A Sociedade em Rede**. SP. Paz e Terra. 2001
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1 Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Ed. 34, São Paulo, SP. 1995.
- DELVAL, J. **A escola possível: democracia, participação e autonomia**, 1ª Ed., ED. Mercado das Letras. 2007
- DICKEL, A. – **Que sentido há em se falar professor-pesquisador no contexto atual?** Contribuições para o debate. In: **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Geraldi, C.M.G., Fiorentini D., Ferreira, E.M.A. (orgs.). Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil-ALB, 2003.
- ELLIOTT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción**, 3ª. Ed., Ed., Madrid, Espanha, Morata, 2000.
- GALLO, S. **Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola**. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de e MARIGUELA, Márcio (orgs.). **Cotidiano escolar- emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.
- GALLO, S. **Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar**. In: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GARCIA, M. F. **O Ensino por Meio da Pesquisa: O projeto "Ciência na Escola"**. Tese de doutorado (Faculdade de Educação). Unicamp. Campinas: SP. 2002.
- GARCIA, M. F. D'ABREU, J. V. V. **Pesquisa, tecnologias, mídias, currículo e formação de professores: multiplicidades em foco**. **Revista e-Curriculum, PUCSP-SP**, Volume 4, número 2, junho 2009. Disponível em <http://www.pucsp.com.br/ecurriculum> , Acesso em 01/12/09.
- GERALDI, C.M.G.; MESSIAS, M.G.M., GUERRA, M.D.S. – **Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas in Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador(a)**. Geraldi, C.M.G., Fiorentini D., Ferreira, E.M.A. (orgs.). Mercado das Letras, Campinas, 1998.

- LARROSA, J. **Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Textos - subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME, julho de 2001.
- MORAN, J. M. **A Educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal**: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998.
- NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. ed. 15ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio 1972/2000.
- SCHON, D. **A Formar professores como profissionais reflexivos**., in NÓVOA, A (org) **Os professores e sua formação**, Lisboa: D. Quixote, 1992
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ZEICHNER, K. **El maestro como profesional reflexivo**. Cuadernos de pedagogía, v. 220, p. 44-49. 1993.
- <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/clipping/novas-tecnologias-no-cotidiano-da-escola.php> Acesso em 02 de agosto de 2008
- <http://moran10.blogspot.com/> Acesso em: 02 de agosto de 2008
- www.eca.usp.br/prof/moran/desejamos.htm Acesso em : 29 de julho de 2008.
- <http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet038.htm>
Acesso 25/11/2008

ANEXOS

ANEXO I

Recursos Físicos

1. Recursos do Laboratório de Informática;

i. Hardwares:

1. Rede
2. 20 computadores ligados em rede para uso dos alunos;
3. 01 computador para uso exclusivo dos professores;
4. 01 servidor de rede, acesso exclusivo do administrador de rede;
5. Roteador
6. Modem
7. Impressora
8. Estabilizadores
9. Caixas de Som
10. Mouse
11. Multimídia

Formatados: Marcadores e numeração

ii. Softwares:

1. O GNU LINUX – Sistema operacional;
2. Debian – Distribuição GNU LINUX;
3. Como ligar o computador e acessar uma conta;
4. GNOMO – Interface gráfica do Linux;
5. Como organizando seus arquivos;
6. OpenOffice
 1. Write – Processador de Texto
 2. Calc – Planilha Eletrônica
 3. Impress – Apresentação

Formatados: Marcadores e numeração

Formatados: Marcadores e numeração

ANEXO II

Atribuições dos Alunos Monitores de Mídias

- 1) Proceder à abertura e o fechamento do laboratório de Informática durante o período de aulas;
- 2) Auxiliar os alunos durante as aulas no laboratório somente no que for determinado pelo professor;
- 3) Cooperar e zelar para a boa conservação, organização e limpeza da sala em especial as cadeiras, bancada e computadores;
- 4) Participar dos treinamentos oferecido pela escola, no dia e horário determinado;
- 5) Comunicar imediatamente ao coordenador do projeto ou à direção da escola a existência de qualquer problema no laboratório de informática;
- 6) Atender os professores e alunos com respeito e cordialidade;
- 7) Não usar disquetes nem CDs de programas no laboratório de informática sem autorização do professor responsável; Durante o horário de atendimento o aluno monitor não deverá usar a informática para uso pessoal, deverá concentrar no seu trabalho;
- 8) Manter a área de trabalho e proteção de tela dos computadores de acordo com o padrão definido;
- 9) Não degustar e nem permitir que se deguste qualquer tipo de alimento na sala de informática;
- 10) Comparecer pontualmente nos dias e horários das monitorias;
- 11) Só permitir a entrada de aluno no laboratório de informática na companhia do professor;
- 12) Manter o ânimo e o bom humor;
- 13) Acolher com carinho e respeito todos os alunos e professores;
- 14) Tentar lembrar dos nomes das pessoas;
- 15) Ter paciência com o tempo do outro e respeitar o ritmo das pessoas.
- 16) Procurar saber qual o grau de conhecimento que a pessoa tem de um determinado conteúdo/ferramenta e partir deste ponto para ensinar as novidades;
- 17) Saber ouvir e estar aberto a contribuições dos colegas;
- 18) Quando surgir uma pergunta/dúvida que você não saiba responder, dizer com honestidade que não sabe e anotar a dúvida para ser esclarecida.

A não observância das atribuições causará de imediato o afastamento do monitor do projeto

Um bom trabalho!!!

Anexo III

Convite

Considerando que formar é investir no futuro, a E.M.E.F. Profª Elza Maria P. de Aguiar vem convidá-lo(a) a participar do GT "Informática Educativa". Que terá o intuito de orientar o trabalho pedagógico no Laboratório.

GT DE INFORMÁTICA EDUCATIVA

LOCAL: EMEF ELZA MARIA PELLEGRINI DE AGUIAR

CARGA HORÁRIA: 45 HORAS

INÍCIO: 14/08/06

TÉRMINO: 27/11/06

SEMANAL: SEGUNDA – FEIRA

HORÁRIO: 11: 15 ÀS 13: 45

PROFª RESPONSÁVEL: GISELE FLAVIA ALVES OLIVEIRA

Interessados entrar em contato com : Profª Gisele

Email: giflavinha@yahoo.com.br

Anexo IV

Pauta do curso de Informática básico (13/08)

1)Boas vindas (mensagem)

2)Curso

_Dia da semana: segunda-feira

_ Início: 20/08 Término: 26/11

_Horário : das 11:00 às 12:40h (2 h/aula)

_Carga horária: 30 horas com certificado Freqüência de 75%

Lista de presença com tolerância de 10 minutos.

_Organização do curso : Profª Gisele Flávia

_ Realização: alunos monitores

3) Ler o projeto Ciranda da Informática para entender o objetivo do curso.

4) Falar do Projeto Aluno Monitor,

#Mostrar o DVD Rivail e depoimentos dos alunos monitores do ano de 2007/ fotos/ slides.

5) Na próxima semana trazer uma receita para fazermos um livro de receita.

6) Diferença de software e hardware:

LINUX x WINDOWS

7) Ligar e desligar o computador.

8) Tux Paint

9) Acróstico com o nome.

ANEXO V

EMEF ELZA MARIA PELLEGRINI DE AGUIAR
Autorização

Eu, _____,
autorizo meu filho/minha filha a participar de pesquisas acerca do *trabalho docente* a
serem desenvolvidas nas séries iniciais da Escola _____,
concordando com o uso das imagens e produções (como textos e desenhos)
gerados neste processo.

Serão pesquisas realizadas fazendo uso de observações, filmagens e
fotografias do trabalho pedagógico realizado e seus envolvidos (professora, alunos e
alunas).

A pesquisa será realizada pela professora _____
responsável pela turma, vinculada ao programa de Pós –Graduação da FE-
UNICAMP.

Entendendo que as pesquisas podem trazer maior qualidade para o trabalho
pedagógico que está sendo realizado com as crianças, por proporcionar aos
profissionais da escola maior reflexão sobre suas atitudes, intervenções e modos
de organização do ensino, estou ciente de que não trarão riscos aos participantes,
e de que não há obrigatoriedade na participação.

Data: ____/____/____

Nome do/a aluno/a: _____

Assinatura do Responsável: _____

Telefone para contato: _____

Endereço: _____